

## A PERCEPÇÃO DAS MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Aldenice de Lima Silva<sup>1</sup>; Danny Priscila Araujo Medeiros<sup>2</sup>; Valdízia Maria Silva do Nascimento<sup>3</sup>;  
Cícero Renato Feitosa Duarte<sup>4</sup>.

<sup>1,2,3</sup> Centro Universitário Maurício de Nassau, Campina Grande, [aldenicejr@gmail.com](mailto:aldenicejr@gmail.com),  
[dannypriscilaa@gmail.com](mailto:dannypriscilaa@gmail.com), [valdiziasilva042@gmail.com](mailto:valdiziasilva042@gmail.com)

<sup>4</sup> Orientador, Centro Universitário Maurício de Nassau, Campina Grande, [cicerorenatofd@hotmail.com](mailto:cicerorenatofd@hotmail.com)

**Resumo:** Esse artigo teve o objetivo de analisar através de uma revisão integrativa de literatura a violência psicológica contra a mulher na percepção das vítimas, buscando investigar se elas percebem essa violência, além de investigar as possíveis consequências envolvidas no processo de abuso psicológico. Visando reunir e resumir estudos já produzidos sobre a temática investigada, foram encontrados no total de 232 artigos nas bases de dados; destes, 24 no PEPISIC, 152 no Periódicos Capes e 56 na SCIELO. Estes passaram pela leitura do título e do resumo do artigo para verificar se o mesmo tratava do assunto pesquisado. Após este procedimento, ocorreu a análise criteriosa dos dados, verificando se os mesmos respondiam à pergunta do estudo. Até antes dos anos 80 a violência conjugal, fosse ela psicológica ou física não era considerada um problema que competisse às autoridades, era apenas um problema doméstico, a partir dos anos 80 a violência passou a ser tida como um problema social e de saúde pública. A violência psicológica pode trazer importantes alterações para a autoimagem da mulher, muitas passam a se sentir feias, sem valor, passam a ter uma autoimagem distorcida. As principais consequências que acometem a essas mulheres são os: sentimentos de medo, visto que a violência psicológica é sutil e engana, escondendo o que realmente acontece, alienando muitas vezes a vítima que se encontra em estado de constante ameaça em ser abandonada por não ser “boa o bastante” seguido de sentimentos de vergonha, e por isso muitas se calam, tornando-se vítimas invisíveis.

**Palavras-chave:** Violência Psicológica, Violência Doméstica, Violência contra a mulher, Abuso psicológico.

### INTRODUÇÃO

As pessoas na maioria das vezes, escolhem-se a princípio por semelhanças. Segundo Dias e Neves (2014) semelhanças nos gostos, algumas vezes nas vivências, por atração física, valores semelhantes, contexto sociocultural entre outras razões. Essas escolhas baseiam-se em romances idealizados, amores românticos, que trazem a noção de complementariedade. Falando sobre o amor romântico Carreiro e Mattar dizem que “(...) a crença de que não se pode viver sem o outro, de que o amor é um sentimento universal e natural, presente em todas as épocas e culturas, surdo à voz da razão e incontrolável pela vontade”. (Carreiro e Mattar, 2008 p.160).

Eventualmente a emoção impera sobre a razão na escolha de um par. No início do romance o parceiro pode até dar alguns sinais de certa “instabilidade emocional”, certa “impaciência”, um

ciúme um tanto exagerado, mas o amor romântico não permite que coisas dessa natureza sejam vistas como indícios de futuras agressões e violências.

A partir daí, a união que um dia foi sonhada, idealizada, celebrada e o amor romântico que existiu, todos esses sonhos tornam-se um pesadelo a ser superado dia após dia. A violência que começa muitas vezes pelo não poder falar, ou por acreditar que não será ouvida. Como bem enfatiza Carreiro e Mattar (2008) por vezes o ciúme, a falta de confiança, a paixão sem controle, o amor destrutivo surgem como uma espécie de explicação para a violência, como se houvessem justificativas para a invasão que a violência impõe ao outro.

A violência contra mulher não se resume apenas ao uso da força física, mas também as ameaças de uso dessa força. Esse mesmo autor ainda traz que a mulher torna-se por meio da violência, obrigada a ter que satisfazer as vontades do outro, muitas vezes por medo. (SANTEIRO; SCHUMACHER; SOUZA, 2017).

E quando a mulher não comporta-se como o desejado pelo parceiro é totalmente compreensível que o ele, detentor do direito maior no lar, mostre sua insatisfação com reclamações desrespeitosas e humilhações por vezes, de toda e qualquer natureza. Carreiro e Mattar (2008) trazem a fala de uma mulher que ouvia uma vizinha sofrer violência, essa mulher diz dentre outras coisas, que pensava que certamente a mulher que estava sofrendo a violência era responsável pelo companheiro agir assim, como se ela tivesse feito “algo errado” que desse motivo para tal violência. Levy e Gomes (2008), falam que a sociedade patriarcal desde o tempo colonial impõe uma relação de poder do homem sobre a mulher.

Até antes dos anos 80 a violência conjugal, fosse ela psicológica ou física não era considerada um problema que competisse às autoridades, era apenas um problema doméstico. A partir dos anos 80 a violência passou a ser tida como um problema social e de saúde pública. Os movimentos feministas contribuíram para que fossem buscadas formas de oferecer apoio às mulheres vítimas de violência doméstica (OLIVEIRA; SOUZA, 2006).

Contudo, é importante ressaltar que a violência contra a mulher passou a demandar uma visibilidade socialmente e não no âmbito acadêmico, a partir da aprovação da Lei 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha que tem como objetivo coibir e prevenir a violência contra as mulheres no caráter de promoção e prevenção e enfrentamento das mulheres em situação de violência (PASINATO, 2015).

A violência contra mulher é algo alarmante para não usarmos a palavra comum. Até que ponto, podemos pensar em direitos conquistados pela mulher, se ainda temos a sociedade machista de tantos anos atrás? A violência existe em diversos ambientes, desde ambientes sociais, de trabalho, até dentro dos lares, com seus companheiros. Levy e Gomes (2008) afirmam que a violência praticada contra a mulher através de humilhações e agressões verbais, afetam dentre outras coisas sua autoestima e poder de tomar decisões.

O fenômeno da violência contra mulher no Brasil e no mundo tornou-se um sério problema de saúde pública, proporcionando um alto índice de adoecimento, ocasionando desafios para a saúde pública combater ou formular uma intervenção de combate à violência (TOLEDO; SABROZA, 2013). Tendo em vista que umas das violências que é menos perceptível é a violência psicológica, cuja qual as vítimas não buscam denunciar, e só é percebida quando após casos mais graves, como a instalação de algum transtorno ou mau comportamento. Como bem enfatiza a Secretaria de Saúde de São Paulo a

Violência Psicológica é a Ação ou omissão destinada a degradar ou controlar as ações, comportamentos, crenças e decisões de outra pessoa, por meio de intimidação, manipulação, ameaça direta ou indireta, humilhação, isolamento ou qualquer outra conduta que implique prejuízo à saúde psicológica, à autodeterminação ou ao desenvolvimento pessoal. Portanto, não é preciso ser agredido fisicamente para estar em uma relação violenta. Algumas palavras e atitudes podem ferir a autoestima de uma pessoa. Por se tratar de forma mais subjetiva é, por isso, difícil de identificar (SÃO PAULO, 2016, p.31).

A violência atinge todas as classes sociais, todas as idades, religiões, raças, escolaridades, entre outros; ferindo a dignidade do ser humano e lhe ocasionando um grande impacto na qualidade de vida, sendo que a violência aparece mais frequente e mais grave em populações vulneráveis (SÃO PAULO, 2016).

A violência quando é praticada através de palavras, xingamentos, frases desrespeitosas, humilhações em casa ou em público, pode não ser vista como agressão. A violência psicológica não é reconhecida como tal. Segundo Silva e Tílio (2014) a mulher se mantém nesses relacionamentos por questões de dependência emocional ou financeira, e a possibilidade de desligamento desses relacionamentos e alteração de sua realidade pode gerar mais sofrimento psíquico. Esse mesmo autor ainda fala que algumas mulheres deixam de procurar ajuda, por temer o que podem sofrer, além de como serão vistas pelos outros ao admitir a violência.

Dito isso, faz-se necessário saber mais sobre o fenômeno da violência psicológica contra a mulher. Esse artigo teve como objetivo analisar, através de uma revisão integrativa de literatura, a

violência psicológica contra a mulher na percepção das vítimas, como elas percebem essa violência, além de identificar as possíveis consequências envolvidas no processo de abuso psicológico.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma revisão integrativa, que é um método de revisão específica que visa reunir e resumir estudos já produzidos sobre a temática investigada. Souza, Silva e Carvalho (2010, p. 103) descrevem como sendo

A mais ampla abordagem metodológica referente às revisões, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado. Combina também dados da literatura teórica e empírica, além de incorporar um vasto leque de propósitos: definição de conceitos, revisão de teorias e evidências, e análise de problemas metodológicos de um tópico particular.

Entende-se, portanto que devido ao caráter integrativo da pesquisa, é possível explicar de forma bem fundamentada e com uma linguagem simples e objetiva de conceitos ou teorias, a fim de facilitar a leitura de pessoas leigas.

Para a produção da revisão integrativa, Souza, Silva e Carvalho (2010) apontam seis etapas, sendo a primeira uma elaboração da pergunta norteadora que tem como função determinar como se dará toda a pesquisa, como por exemplo, quais serão os critérios de inclusão, os métodos para busca das informações que serão coletadas.

A segunda fase é a de busca ou amostragem na literatura que deve ser ampla e diversificada. A coleta de dados se dá na terceira fase, com o objetivo de “assegurar que a totalidade dos dados relevantes seja extraída, minimizar o risco de erros na transcrição, garantir precisão na checagem das informações e servir como registro”. (p. 104).

A quarta fase é caracterizada por uma análise crítica dos estudos incluídos. Durante a quinta fase, a partir da interpretação e síntese dos resultados, há uma discussão dos resultados. E por último, na sexta fase a revisão deve ser apresentada de forma clara e completa para permitir ao leitor avaliar criticamente os resultados.

Para a realização do mesmo, recorreu-se às seguintes bases de dados: BVS, Pepsic, Periódicos Capes e Scielo. Os descritores utilizados foram: Violência Psicológica, Violência doméstica, Violência contra a mulher. Foi utilizado como critério de inclusão os artigos que tratavam diretamente sobre esse assunto, visto que muitos artigos foram encontrados, mas obtinham mais relações com a violência física, sobre a violência psicológica ainda há uma falta de material

acadêmico significativa. Incluindo também artigos mais recentes, para que a pesquisa obtivesse uma validação acadêmica.

Foram encontrados no total de 232 artigos nas bases de dados; destes, 24 na Pepsic, 152 no Periódicos Capes e 56 na Scielo. Estes passaram pela leitura do título e do resumo do artigo para verificar se o mesmo tratava do assunto pesquisado. Após este procedimento, ocorreu a análise criteriosa dos dados, verificando se os mesmos respondiam à pergunta do estudo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A discussão do trabalho foi estabelecida através dos trabalhos pesquisados, e o que se percebeu foi que a maioria das violências ocorridas com mulheres são direcionadas por seus respectivos companheiros, ou por pessoas de seu ambiente doméstico. E que os danos psicológicos não se referem apenas ao campo dos afetos, mas podem afetar principalmente a saúde mental destas mulheres. (SOUZA; OLIVEIRA, 2015).

Há uma estimativa de que a violência praticada contra a mulher mata mais que câncer, malária, acidentes graves entre outros riscos e os principais agressores são os seus companheiros, familiares, pessoas do convívio das vítimas, que em sua maioria exercem função de poder sobre as mesmas subjulgando-as e fazendo com que elas se predisponham a aceitar a situação em que vivem, os agressores se aproveitam da vulnerabilidade das vítimas. (LEITE et al., 2015).

Dessa forma a insatisfação vivenciada entre os casais ou as pessoas do mesmo convívio são silenciadas e se transformam em violência psicológica, são externalizadas através de gritos, xingamentos, humilhações, que começam aos poucos. Esse tipo de violência se torna um dos mais perigosos por ser silenciosa, mas, uma hora a mulher abusada vai tentar expressar a carga emocional a qual está sendo submetida. É preciso estar sempre atento as disfuncionalidades existentes em mulheres que estão sendo submetidas a qualquer tipo de violência. (COLOSSI; FALCKE, 2013)

As principais consequências que acometem a essas mulheres são os: sentimentos de medo, visto que a violência psicológica é sutil e engana, escondendo o que realmente acontece, alienando muitas vezes a vítima que se encontra em estado de constante ameaça em ser abandonada por não ser “boa o bastante”; seguido de sentimentos de vergonha, e por isso muitas se calam, tornando-se vítimas invisíveis. (OLIVEIRA et al., 2017).

As mulheres vitimadas se sentem em sua maioria confusas em relação aos sentimentos envolvendo o agressor, principalmente quando o agressor se trata de um parceiro íntimo, passam a

desenvolver insegurança, medo, receio de falar qualquer coisa que possa vir a desagradar o parceiro, os sentimentos vão de um extremo ao outro em questão de segundos. Quanto ao agressor, o uso de bebida alcoólica é frequente entre eles, tratando-se na maioria das vezes de um fator precipitante para o desenvolvimento da violência contra a mulher iniciando-se na psicológica e partindo para a violência física em pouco tempo, porém ressaltando sempre que o álcool não é o agente responsável pela agressão ele trata-se apenas de um facilitador para o agressor se apoiar (LEITE et al., 2015).

De acordo com, Dourado e Noronha (2015), a vergonha se dá por medo da humilhação e do juízo negativo advindo de amigos, familiares e vizinhos. Ainda quanto aos sentimentos, a culpa por estar passando pela situação de violência e pensamentos como: ‘eu mereço isso pelo que estou passando’ são outras consequências da violência psicológica, além do isolamento social, muitas vezes derivado de uma baixa estima. (OLIVEIRA et al., 2017).

Pode-se perceber através da literatura que em muitos momentos, para essas mulheres, parece não haver saída para a situação de violência. Isso mostrou-se decorrente de fatores como: dependência financeira e emocional, a esperança de que o parceiro vai mudar, além de uma naturalização da violência quando psicológica, devido a uma cultura de subordinação da mulher ao homem de quem ela é considerada alienável, sendo muitas vezes considerada violência quando já houve agressão física. (PORTO; BUCHER-MALUSCHKE, 2014).

Leite et al. (2017), aponta que o histórico materno de violência, ou seja, o envolvimento em contextos de violência como testemunha de humilhações, por exemplo, pode possibilitar um entendimento distorcido sobre os relacionamentos, passando para uma repetição. Antigamente existia-se o ditado “em briga de marido e mulher não se mete a colher”, hoje depois de tudo o que as mulheres já conquistaram com certos direitos alcançados, é possível se pensar em quem sabe, um novo ditado: “em briga de marido e mulher se mete a colher sim”. A Lei Maria da Penha, e todas as lutas das militâncias são de extrema importância, visto que há uma visibilidade, mesmo que ainda em desenvolvimento, bem maior do que há pelo menos 20 anos atrás.

Mesmo com a crescente visibilidade sobre a temática da violência contra a mulher, percebeu-se que ainda existe bastante ignorância quando este é o assunto. As pessoas não sabem de fato o que configura a violência, e que faces ela pode apresentar, mostrando-se necessário um maior investimento social em questões como essa que são referentes à segurança e à saúde pública. Algumas mulheres não acreditam ter vivido violência, pois ligam o termo violência a criminalidade

e não aceitam que uma pessoa do seu convívio como o seu companheiro possa ser um criminoso. Essa é outra hipótese para o silêncio, a aceitação na maioria dos casos, e o fato de por vezes justificar a violência sofrida como se fosse uma situação onde as “mesmas merecessem”, como se ocorresse devido a uma falha delas, que os agressores “não tem culpa” por ter agido de tal maneira, ou acreditar nos inúmeros e repetitivos pedidos de desculpa, que funcionam como um ciclo, que acaba por reforçar uma certa vitimização da violência sofrida. (SCHRAIBER et al., 2013).

A rede de atendimento a mulheres em situação de violência é composta por serviços especializados, voltados para a saúde e a segurança da mulher, com profissionais de saúde voltados aos cuidados para as mulheres que sofrem agressões. Percebeu-se na literatura que faz-se necessário que a rede multidisciplinar funcione efetivamente para que as mulheres se sintam seguras ao ir em busca de ajuda, assim como que os profissionais estejam sempre buscando capacitação para identificar as violências e poderem trabalhar melhor, pensando em estratégias práticas de enfrentamento.

## CONCLUSÕES

Romper o ciclo de violência psicológica é extremamente difícil para as mulheres vitimadas, como vimos, é de extrema importância que os profissionais responsáveis pela investigação desse tipo de violência estejam cada vez mais atentos, visto que esse tipo de violência influencia muito na saúde das vítimas, tanto mental como física. Por muitas vezes, aparece como sendo a 'porta de entrada' para os demais tipos de violências, fazendo-se necessário que a percepção que envolve a violência esteja aguçada nos profissionais responsáveis.

É preciso desenvolver um olhar atento que possibilite as vítimas a entender que o que estão sofrendo é sim um caso de violência, o profissional que esteja lidando com essa vítima (seja ele médico, psicólogo, enfermeiro entre outros), precisa conhecer sobre os direitos humanos e crimes contra a pessoa, para que assim possa facilitar a busca dessa vítima por ajuda nos meios responsáveis, acima de tudo prestar um atendimento respeitoso, humano, contribuindo para que a vítima possa expressar livremente o que está acontecendo com ela. É perceptível o aniquilamento da autoestima da mesma, por isso é necessário que os profissionais possam proporcionar a essas vítimas o resgate dessa autoestima.

Destarte, pode-se perceber que a desinformação sobre a violência psicológica ainda é muito constante, fazendo com que haja dificuldades para que denúncias sejam realizadas até mesmo por

terceiros, por isso é importante que existam ações preventivas e informativas para ajudar as que sofrem de violência a perceber que realmente precisam de ajuda, com o estudo pode-se constatar também que sobre a violência contra a mulher os assuntos são vastos, mas somente quando o assunto é a violência física ou sexual, sobre a violência psicológica o silêncio ainda ronda, não somente dentro dos lares, como também no mundo acadêmico, por isso ressaltamos a importância de mais estudos voltados ao fenômeno da violência psicológica.

## REFERÊNCIAS

COLOSSI, P. M.; FALCKE, D. (2013). Gritos do silêncio: a violência psicológica no casal. **Psico**, Rio Grande do Sul, v. 44, n.3, p. 310-318, jul/set. 2013. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/11032/10404>. Acesso em: 11 de abril de 2018.

CARRETEIRO, T. C. O; , MATTAR, C. M. Marcas do amor romântico e violência conjugal: uma análise a partir do sequestro do ônibus 499. **Psicol. rev.** (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 153-170, dez. 2008. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682008000200010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682008000200010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 10 de abril de 2018.

DIAS, A. S. F.; NEVES, A. S. A constituição do vínculo conjugal violento: estudo de caso. **Vínculo**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 8-15, jun. 2014. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-24902014000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902014000100003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 09 de abril de 2018.

DOURADO, S. M.; NORONHA, C. V. Marcas visíveis e invisíveis: danos ao rosto feminino em episódios de violência conjugal. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 9, p. 2911-2920, set. 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232015000902911&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015000902911&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 23 de abril de 2018.

LEITE, F. M. C. et al. Violência contra a mulher em Vitória, Espírito Santo, Brasil. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 51, 33, 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102017000100223&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102017000100223&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 12 de abril de 2018.

LEVY, L.; GOMES, I. C. Relação conjugal, violência psicológica e complementaridade fusional. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro , v. 20, n. 2, p. 163-172, 2008 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652008000200012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652008000200012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 10 de abril de 2018.

OLIVEIRA, D. C.; SOUZA, L. Gênero e violência conjugal: concepções de psicólogos. **Estud. pesqui. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 34-50, dez. 2006. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812006000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812006000200004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 10 de abril de 2018.

OLIVEIRA, L. N. et al. Violência doméstica e sexual contra a mulher: revisão integrativa. **HOLOS**, [S.l.], v. 8, p. 275-284, dez. 2017. ISSN 1807-1600. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/1903>. Acesso em: 12 abr. 2018.

PORTO, M; BUCHER-MALUSCHKE, J S. N. F. A permanência de mulheres em situações de violência: considerações de psicólogas. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 30, n. 3, p. 267-276, set. 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722014000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722014000300004&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 23 Abr. 2018.

PASINATO, W. Oito anos de Lei Maria da Penha.: Entre avanços, obstáculos e desafios. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 533-545, Ago. 2015. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2015000200533&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2015000200533&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 27 Abril de 2018.

SANTEIRO, T. V. et al. Cinema e violência contra a mulher: contribuições à formação do psicólogo clínico. **Temas psicol.** Ribeirão Preto, v. 25, n. 2, p. 401-413, jun. 2017. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2017000200001&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2017000200001&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 de abril de 2018. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2017.2-01Pt>.

SÃO PAULO. **Secretaria da Saúde: atenção à saúde da pessoa em situação de violência.** Secretaria da Saúde, Coordenação da Atenção Básica: São Paulo: 2016.

SILVA, C. F. L.; TILIO, R. Alterações autobiográficas em mulheres vitimadas atendidas pela rede de acolhimento. **Rev. Subj.**, Fortaleza, v. 14, n. 3, p. 475-485, dez. 2014. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2359-07692014000300011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692014000300011&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 10 de abril de 2018.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer? **Revista Einstein**, São Paulo, SP, v. 8, n.1, Jan/Mar. 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1679-45082010000100102&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1679-45082010000100102&script=sci_arttext&tlng=pt). Acesso em: 04 abr 2018.

TOLEDO, L, M; SABROZA, P, C. (Org.) **Violência: orientações para profissionais da atenção básica de saúde.** Rio de Janeiro, ENSP/FIOCRUZ, 2013.